



AGRICULTURA FAMILIAR E A FEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA EM LAGES, SC: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DOS FEIRANTES

*Geraldo Augusto Locks**
João Eduardo Branco de Melo
Juliano Branco de Moura
Maria Aparecida da Fonseca
Elisângela de Oliveira Fontoura
Jonatas da Silva Campos
Thais Esteves Ramos Fontana

DOI: <https://doi.org/10.23901/1679-4605.2021v17p237-254>

RESUMO

O objetivo deste texto é refletir sobre a agricultura familiar e sua relação com a Feira Municipal de Economia Solidária de Lages, SC, a partir das percepções dos agricultores familiares feirantes. São colocados em cena alguns tópicos como, qualidade dos produtos e relação com os consumidores; dificuldades encontradas na agricultura familiar; o significado da comercialização direta; a feira e o desenvolvimento da agricultura familiar; vivências e percepções de consumidores, evolução da comercialização; expectativas sobre o futuro da feira. Da fundação de Lages em 1776 até 1940, predominou economicamente a criação de gado de modo extensivo em grandes fazendas, sendo esta atividade sucedida pela atividade da exploração da madeira (1940-1970). Neste contexto, os agricultores familiares ocuparam terras em regiões ribeirinhas ou fundos de fazenda. A produção de subsistência se caracterizava pelo plantio de milho e feijão de modo convencional, criação de animais de pequeno porte, sendo o excedente comercializado na cidade de Lages. A Administração Municipal de 1976-1982, denominada “A Força do Povo” desenvolveu projetos significativos voltados para a agricultura familiar. Na Administração de 2012-2016 a Secretaria de Agricultura e Pesca voltou a priorizar a agricultura familiar, com especial atenção para a organização de feiras de comercialização na cidade. Uma delas, que veio identificada como “Feira Municipal de Economia Solidária”. Em 2014 o movimento conquistou status de política pública. Além dos agricultores familiares, participam outros empreendimentos solidários urbanos. A feira vem num processo de consolidação gerando visibilidade e valorização de seus protagonistas, como nunca aconteceu na história da agricultura familiar na região. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, bibliográfica, associada a pesquisa de campo com roteiro semiestruturado. Espera-se que este trabalho fortaleça a feira como uma manifestação da política pública de economia solidária, provoque a participação de outros empreendimentos solidários do meio rural e urbano, bem como aponte para lacunas existentes no desenvolvimento da agricultura familiar como importante setor da economia regional e garantia da soberania alimentar saudável.

Palavras-chave: Agricultura familiar. Feira Municipal. Economia Solidária.

* Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: geraldolocks@gmail.com.

FAMILY AGRICULTURE AND THE SOLIDARITY ECONOMY FAIR IN LAGES, SC: AN ANALYSIS FROM THE MARKETERS' PERSPECTIVE

ABSTRACT

The aim of this text is to reflect on family agriculture and its relation with the Municipal Solidarity Economy Fair of Lages, SC, based on the marketers' perceptions. Topics discussed include product quality and relationship with consumers; difficulties encountered in family farming; the meaning of direct marketing; the fair and the development of family agriculture; experiences and perceptions of consumers, evolution of marketing; expectations about the future of the fair. From the founding of Lages in 1776 until 1940, cattle ranching predominated economically in large farms, being succeeded by the activity of wood exploitation (1940-1970). In this context, family farmers occupied land in riverain regions or farm backgrounds. The production of subsistence was characterized by the planting of corn and beans in a conventional way, raising small animals, with the surplus being commercialized in the city of Lages. "The People's Force", the Municipal Administration between 1976-1982, developed significant projects aimed at family agriculture. In the Administration of 2012-2016, the Secretariat of Agriculture and Fishing once again prioritized family agriculture, with special attention to the organization of trade fairs in the city. One of them was identified as "Municipal Solidarity Economy Fair". By 2014 the movement had achieved public policy status. In addition to family farmers, other urban solidarity enterprises participate. The fair comes in a process of consolidation, generating visibility and appreciation of its protagonists, as has never happened in the history of family agriculture in the region. This is a qualitative, descriptive, bibliographical research built on fieldwork with a semi-structured script. It is hoped that this work will strengthen the fair as a manifestation of the public policy of solidarity economy, provoke the participation of other solidarity enterprises of the rural and urban environment, as well as point to existing gaps in the development of family agriculture as an important sector of the regional economy, guaranteeing healthy food sovereignty.

Keywords: Family agriculture. Municipal Fair. Solidarity economy.

LA AGRICULTURA FAMILIAR Y LA FERIA DE LA ECONOMÍA SOLIDARIA EN LAGES, SC: UN ANÁLISIS DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS FERIANTES

RESUMEN

El objetivo de este texto es reflexionar sobre la agricultura familiar y su relación con la Feria Municipal de Economía Solidaria de Lages, SC, a partir de las percepciones de los agricultores familiares feriantes. Se ponen en escena algunos tópicos como, calidad de los productos y relación con los consumidores; dificultades encontradas en la agricultura familiar; el significado de la comercialización directa; la feria y el desarrollo de la agricultura familiar; vivencias y percepciones de consumidores, evolución de la comercialización; expectativas sobre el futuro de la feria. Desde la fundación de Lages en 1776 hasta 1940, la ganadería predominó económicamente en las grandes haciendas, y esta actividad fue seguida por la actividad maderera. (1940-1970). En este contexto, los agricultores familiares ocuparon tierras en regiones ribereñas o fondos agrícolas. La producción de subsistencia se caracterizó por la siembra convencional de maíz y frijol,

238

crianza de pequenos animais, sendo los excedentes vendidos en la ciudad de Lages. La Administración Municipal de 1976-1982, denominada "La Fuerza del Pueblo" desarrolló proyectos significativos dirigidos a la agricultura familiar. En la Administración de 2012-2016 la Secretaría de Agricultura y Pesca volvió a priorizar la agricultura familiar, con especial atención a la organización de ferias de comercialización en la ciudad. Una de ellas, que vino identificada como "Feria Municipal de Economía Solidaria". En 2014 el movimiento conquistó status de política pública. Además de los agricultores familiares, participan otros emprendimientos solidarios urbanos. La feria viene en un proceso de consolidación generando visibilidad y valorización de sus protagonistas, como nunca ocurrió en la historia de la agricultura familiar en la región. Se trata de una investigación cualitativa, descriptiva, bibliográfica, asociada a la investigación de campo con guión semiestructurado. Se espera que este trabajo fortalezca la feria como manifestación de la política pública de economía solidaria, provoque la participación de otras empresas solidarias del medio rural y urbano, así como señale los vacíos existentes en el desarrollo de la agricultura familiar como un importante sector de la economía regional y garantizar la soberanía alimentaria saludable.

Palabras-clave: Agricultura familiar. Feria Municipal. Economía Solidaria.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto foi refletir sobre agricultura familiar e sua relação com a Feira Municipal de Economia Solidária de Lages, no estado de [Santa Catarina \(2016\)](#), a partir das percepções dos agricultores familiares feirantes. Foram colocados em cena alguns tópicos que fazem esta pesquisa inédita, tais como, qualidade dos produtos e relação com os consumidores; dificuldades encontradas na agricultura familiar; o significado da comercialização direta; a feira e o desenvolvimento da agricultura familiar; vivências e percepções de consumidores, evolução da comercialização; expectativas sobre o futuro da feira.

São apresentadas algumas reflexões sobre o contexto no qual situa-se o objeto desta investigação. Considerando o campo empírico desta pesquisa, compreende-se por agricultor, a unidade familiar estabelecida numa pequena extensão de terra, no caso em análise as propriedades podem ser classificadas como minifúndios¹, ou seja, não alcançam um módulo fiscal rural², utiliza a força de trabalho essencialmente familiar, a gestão da propriedade é compartilhada pela família, a produção voltada para subsistência, com excedente endereçado a comercialização³. Além disso, o agricultor

¹ **Minifúndio** – É o imóvel rural com área inferior a 1 (um) módulo fiscal; **Pequena Propriedade** – o imóvel com área compreendida entre 1 (um) e 4 (quatro) módulos fiscais. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/tamanho-propriedades-rurais>. Acesso em: 15/03/2018.

² Em Santa Catarina, o valor médio do **módulo fiscal** fica entre 12 e 20 hectares. Disponível em: <http://www.canalrural.com.br/noticias/codigo-florestal/modulo-fiscal-varia-cada-municipiobrasileiro-13970>. Acesso em: 15/03/2018.

³ Segundo dados do Censo Agropecuário de 2006, 84,4% do total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros pertencem a grupos familiares. São aproximadamente 4,4 milhões de estabelecimentos, sendo que a metade deles está na Região Nordeste. De acordo com o estudo, ela se constitui a base econômica de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes; responde por 35% do produto interno bruto nacional; e absorve 40% da população economicamente ativa no país. Ainda segundo o Censo, a

familiar possui uma relação particular com a terra, seu local de trabalho⁴ e moradia, integrando uma comunidade.

A relevância da agricultura familiar, visto a partir da origem e da prática social de alguns autores deste trabalho, reside no entendimento de que a agricultura familiar transcende o sentido econômico e da geração de renda. Há uma dimensão cultural que não pode ser ignorada neste modo de vida. O agricultor familiar tem uma relação subjetiva com a terra, tendo-a não como “valor de troca”, mas “valor de uso”, no sentido Marxiano. A terra representa seu chão de vida, sua fonte de alimentação. “Pacha-mama”, ou seja, o sentimento da terra-mãe, a exemplo do significado que ela possui junto aos povos andinos do continente latino-americano. Tem nesta relação ainda a força da tradição, sobretudo, quando a terra é transmitida de geração em geração. Uma vez que Lages é um município onde a distância geográfica da cidade até a última comunidade rural, ultrapassa a 80 quilômetros, os vínculos que se estabelecem entre vizinhança podem ser representados na expressão, “vizinho é parente”!

Neste contexto, desenvolvem-se laços de interdependência próprios da condição humana, como ensina o etnólogo, [Marcel Mauss \(2003\)](#) ao refletir sobre a *dádiva*, como fundamento da vida social, uma realidade que aponta para práticas de economia solidária. Em outras palavras, ser agricultor familiar é um modo de viver, ter uma identidade, especificidade e complexidade, como demonstra a concepção elaborada pelo Movimento Nacional da Educação do Campo e assumida como política pública coordenada pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), oficialmente desde 2004. Desde o contexto histórico, econômico, sociocultural e a realidade da agricultura familiar descrito acima é que se desenvolve esta pesquisa e sua análise. Informações inseridas ou reflexões abaixo também são inspiradas em ações e experiências no campo da economia solidária na região dos autores deste trabalho.

DESENVOLVIMENTO

Historicamente, a agricultura familiar nunca teve relevância na economia da região de Lages, pois predominou uma estrutura fundiária assentada no latifúndio. Da fundação da “Vila das Lagens” em 1776 até 1940, dominou economicamente a criação de gado de modo extensivo em grandes fazendas, sucedido pela atividade da exploração da madeira (1940-1970). Neste contexto os agricultores familiares ocuparam terras dobradas, situadas em regiões ribeirinhas ou fundos de fazenda. A produção de subsistência se caracterizava pelo plantio de milho e feijão de modo convencional, criação de animais de

agricultura familiar produz 87% da mandioca, 70% do feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz e 21% do trigo do Brasil. Na pecuária, é responsável por 60% da produção de leite, além de 59% do rebanho suíno, 50% das aves e 30% dos bovinos do país. A agricultura familiar, portanto, possui grande importância econômica vinculada ao abastecimento interno e ao controle da inflação dos alimentos consumidos pelos brasileiros. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/o-que-%C3%A9-agricultura-familiar>. Acesso em: 15/03/2018.

⁴ A Lei Federal nº 11.326 de 24 de julho de 2006 estabeleceu que se considera agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele ou aquela que pratica atividade no meio rural atendendo simultaneamente alguns requisitos, sendo eles: **i)** Não deter área maior que 4 (quatro) módulos fiscais, sendo que os módulos variam de tamanho de acordo com cada região do país; **ii)** Utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas de seu estabelecimento ou empreendimento; **iii)** Tenha a renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento rural; **iv)** Dirija este estabelecimento ou empreendimento em parceria com sua família ([SOUZA, 2006, p. 12](#)).

pequeno porte, sendo o excedente comercializado na cidade de Lages na Praça do Mercado Velho, onde, atualmente se situa o Terminal Urbano. Lages ainda é o maior município em extensão territorial do Estado não obstante seu desdobramento em outros municípios a partir da década de 1980⁵.

Segundo a análise realizada no Seminário Estadual de Educação do Campo realizada em 2010 ([FÓRUM CATARINENSE DE EDUCAÇÃO NO CAMPO, 2010](#)), constata que:

[...] o cenário do campo catarinense agravou-se a partir do modelo de desenvolvimento do campo implementado nacionalmente pela revolução verde, também conhecida como modernização conservadora. Desde a década de 1970, o meio rural catarinense é caracterizado pela presença de dois modos diversos de fazer agricultura: um denominado de agronegócio e outro, chamado de agricultura familiar. O agronegócio é tido como “modelo de sucesso”, hegemônico, unívoco nos discursos e nas agendas de representantes das instituições oficiais, entidades privadas, políticos e lideranças tradicionais ([FÓRUM CATARINENSE DE EDUCAÇÃO NO CAMPO, 2010](#)).

Nos últimos dez anos, o agronegócio na região de Lages tem conquistado crescente interesse por parte de agentes do agronegócio e de gestores públicos associados a estes interesses. Recentemente a região da Coxilha Rica, considerada patrimônio histórico e cultural, por ainda preservar vestígios do Caminho das Tropas⁶ do século XVIII, vem sendo ocupada pelo plantio de soja.

O meio rural do município de Lages e região apresenta um espectro de espanto e perplexidade. Observa-se um campo vazio, dado que 98,2% ([IBGE, 2010](#)) da população encontra-se na cidade indicando um deserto social no meio rural; um deserto verde é possível identificar pela ocupação da monocultura de pinus e eucalipto, a matéria prima das grandes papeleiras que monopolizaram este mercado. O terceiro deserto é azul constituído pelos grandes lagos gerados quando foram barrados os rios Canoas e Pelotas por grandes e pequenas hidrelétricas. Os agricultores familiares que ainda continuam no campo, demandam políticas públicas que lhes possibilitem qualidade de vida e ao mesmo tempo tenham condições para fornecerem alimentos para a população urbana.

Do ponto de vista da feira de economia solidária, faz-se necessário rápida digressão. Esta “outra economia” tem sua origem na década de 1980 quando o Brasil vivia o declínio do regime militar e a aceleração do sistema neoliberal, com seus princípios de abertura da economia para o mercado externo, flexibilização das leis trabalhistas, privatizações em massa, salários achatados, desemprego estrutural, alta inflação, etc. Foram surgindo pelo país afora grupos de trabalhadores com finalidade de buscar trabalho e geração de renda. Em Santa Catarina e concomitantemente em Lages e região, a economia solidária manifestava-se apoiada por setores progressistas de Igrejas, pastorais sociais e organizações não governamentais⁷. Com a realização da primeira Feira Estadual de Economia Solidária em Lages é que ganha força o movimento

⁵ O município conta com 2.644,313 km² em extensão territorial. ([IPEA, 2014](#)).

⁶ Ver: [LOCKS, Geraldo Augusto; VARELA, Iáscara Almeida; MOREIRA, Sandro César; SARTORI, Sérgio. Caminho das Tropas: caminhos, pousos e passos em Santa Catarina. Lages: Uniplac, 2006.](#)

⁷ Ver: [LOCKS, Geraldo Augusto; COSTA, Helen Baumgart; PEREIRA, Josilaine Antunes. A Economia Solidária no Planalto Catarinense: origem e desenvolvimento rumo a sua política pública. In: FRANTZ, Walter; GERHARDT, Milton César; AMARAL, Antônio Gonçalves do. Ações e experiências educativas no campo da educação popular. Ijuí: Editora Unijuí, 2017.](#)

social da economia solidária, através da formação do Fórum Regional de Economia Solidária do Planalto Serrano Catarinense e da organização de feiras inicialmente anual. Destaque-se a “Feira do Coral” que teve a duração de uma década e a “Feira da Uniplac” com a identidade de produtos agroecológicos. Esta última originada em 2006, está consolidada com seus consumidores fiéis.

Sem a presença efetiva do poder público durante os anos de 1980 a 2013, alguns empreendimentos paralisaram, outros sobreviveram com dificuldade, mas, na trincheira da resistência. À Cáritas Diocesana de Lages, deve-se tributar o trabalho de manter acesa a chama da economia solidária por mais de uma década, com o apoio de algumas entidades. A criação do Fórum Regional de Economia Solidária foi a estratégia encontrada para garantir a continuidade do movimento e um caminho para avançar na esfera do Estado local.

Foi numa conjuntura bastante favorável que no ano de 2014, sob a iniciativa do Fórum Regional, a economia solidária conquista o *status* de política pública no município de Lages. A aprovação da lei municipal tornou-se um fato animador e de empoderamento para empreendimentos e entidades apoiadoras, o que fez com que o poder público, ainda que tímido, começasse a dar atenção e perceber sua responsabilidade. A lei prevê a constituição do Conselho Municipal com a participação de cinco secretarias públicas. Contudo, a existência de leis não garante ações ou políticas públicas.

Em 2015, a Cáritas Diocesana de Lages e Brasileira Regional, por meio do Projeto “Fortalecendo Experiências de Economia Solidária” (FORTEES), realizou com recursos próprios, mais uma edição da Feira Regional de Economia Solidária. Neste evento, foram convidadas autoridades dos poderes executivo e legislativo enquanto lideranças do movimento que contextualizaram a história, conquistas e desafios encontrados no desenvolvimento da economia solidária no município de Lages e região.

A feira passou de anual a mensal, e depois a ser organizada semanalmente com presença de empreendimentos do meio urbano e rural. Além de proporcionar a comercialização dos produtos, passou a ser um espaço de divulgação da economia solidária para a sociedade local. Na administração pública de 2012-2016, a Secretaria de Agricultura e Pesca esteve sob o comando de um agrônomo que se notabilizou pela política de apoio à agricultura familiar, incluindo a disseminação das feiras pela cidade. Os agricultores familiares mobilizados e organizados pela secretaria, passaram a comercializar seus produtos na feira municipal de economia solidária a partir de 2016.

Atualmente, na feira participam empreendimentos da linha de costura, artesanato, panificação, alimentação, hortifrutigranjeiros e manifestações culturais. A metodologia da “roda de conversa”, por aproximar as pessoas, ser dinâmica e participativa, é a forma de os feirantes se reunirem com representantes de entidades como o Fórum, para debater a organização, infraestrutura, articulação e oficinas de formação.

METODOLOGIA

Para [Andrade \(1999, p. 130\)](#) metodologia é “o conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento”, desta forma, a presente pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo.

De acordo com [Silva e Menezes \(2005, p. 20\)](#) a pesquisa qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.”

[Marconi e Lakatos \(2011\)](#) descrevem que

O método qualitativo difere do quantitativo não só por não empregar instrumentos estatísticos, mas também pela forma de coleta e análise dos dados. A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc. ([MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 269](#)).

Do ponto de vista dos objetivos, este estudo se classifica como uma pesquisa exploratória e descritiva, na visão de [Gil \(2010\)](#), a pesquisa exploratória tem como propósito:

[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. Pode-se afirmar que a maioria das pesquisas realizadas com propósitos acadêmicos, pelo menos num primeiro momento, assume o caráter de pesquisa exploratória, pois neste momento é pouco provável que o pesquisador tenha uma definição clara do que irá investigar ([GIL, 2010, p. 27](#)).

Para se ter clareza e aprofundar mais o assunto, foi realizada a pesquisa de caráter exploratório, proporcionando assim, a condução da pesquisa com questões importantes a serem estudadas.

O estudo exploratório foi o primeiro passo realizado, ele também permitiu a realização da pesquisa descritiva a qual apontou, explanou e comparou o problema pesquisado facilitando sua análise e descrição.

[Vergara \(1998\)](#) define pesquisa descritiva como

A pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza. Não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação ([VERGARA, 1998, p. 45](#)).

Desta forma, a pesquisa descritiva visa descrever a população e o ambiente estudado, o que colabora na interpretação e análise dos dados.

Quanto a técnica utilizada para coleta de dados, define-se a presente pesquisa como bibliográfica, documental e de campo.

[Vergara \(1998, p. 46\)](#) caracteriza que a pesquisa bibliográfica “é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, [...]”. Ainda, de acordo com [Vergara \(1998, p. 46\)](#) a pesquisa documental “é a realizada em documentos conservados no interior de órgãos públicos e privados de qualquer natureza, ou com pessoas: registros, anais, regulamentos[...]”

Para analisar, verificar e compreender a questão da pesquisa, foi realizado inicialmente um levantamento bibliográfico como forma de colaborar na construção do estado da arte, constituindo-se em um referencial teórico que foi utilizado para embasamento nas etapas da pesquisa e, posteriormente, serviram como um dos parâmetros para a análise dos dados e considerações finais.

[Doxsey e De Riz \(2002-2003\)](#) explicitam sobre pesquisa de campo,

[...] trata-se de um estudo empírico, no qual o pesquisador sai a campo para conhecer determinada realidade, no interior da qual, usando os instrumentos e técnicas, coleta dados para sua pesquisa. A escolha de um método específico depende principalmente do objeto do estudo, mas o fator tempo e a necessidade para usar um ou vários métodos em conjunto influenciam a seleção. Pesquisadores iniciantes não precisam ter domínio ou conhecimento de todos os métodos, mas é importante saber da abrangência de possibilidades disponíveis. Alguns tipos de estudo usam mais do que um método ou técnica de coleta de dados. O bom estudo de caso exige a utilização de documentos, da observação e da coleta de informações diretamente com os principais atores envolvidos no problema (DOXSEY; DE RIZ, 2002-2003, p. 39-41)

Na pesquisa de campo foram entrevistados individualmente quatro feirantes, a partir de um questionário semiestruturado utilizado para coleta de dados, sendo que essas entrevistas ocorreram no período de agosto a setembro de 2017. Cada entrevistado respondeu a três tópicos para uma melhor visualização de sua identidade como agricultor familiar e sua relação com a feira municipal. Foram utilizados codinomes para a preservação da identidade dos entrevistados, tais como “Solidariedade”, “Sustentabilidade”, “Preço Justo” e “Igualdade”. Foram aplicados os devidos termos de consentimento livre e esclarecido, reafirmando a preservação das respostas e a identidade dos mesmos.

A partir dos dados coletados a campo, foi possível a elaboração de uma tabela para melhor identificar os feirantes entrevistados e outros dados, conforme abaixo:

Tabela 1. Identificação dos feirantes entrevistados.

Nome do feirante	Número de membros da família	Quanto tempo participa na Feira	Quais produtos comercializa
Solidariedade	03	03 anos	Cucas, bolachas e pão caseiro
Sustentabilidade	00	03 anos	Alface, couve, repolho, beterraba e hortaliças em geral
Preço justo	02	02 anos	Produtos orgânicos e hortaliças em geral
Igualdade	04	03 anos	Bolachas, pães, hortaliças e frutas de época

Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Desta forma, identificados os quatro feirantes entrevistados, o número de membros de suas famílias, quanto tempo participam na feira e quais os produtos são comercializados por eles, sendo possível identificar a comercialização de produtos olerícolas e panificação caseira envolvendo no trabalho homens e mulheres do meio rural.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conhecimentos sobre agricultura familiar

Ao apresentar a pergunta sobre a qualidade dos produtos da agricultura familiar e sua relação com os consumidores,
Solidariedade diz que:

acho que os produtos são bem fresquinhos para quem consome é muito bom, o que a gente vende aqui de manhã, é colhido a tarde do dia anterior, prá trazer tudo fresquinho, prá gente que vende também é muito bom.

Para Preço Justo:

são produtos saudáveis e mais rentabilidade para pessoa que tá no campo que vive na zona rural e pro pessoal da cidade mais alimentos de qualidade.

Igualdade salienta que:

pros nossos consumidores contribui na qualidade né, com menos ou sem consumo de agrotóxico, e prá gente, contribui para continuar produzindo, um estímulo prá gente produzir. A gente sabe onde tem para vender né.

Sustentabilidade acredita que:

na ajuda, nos conselhos, nas práticas onde a gente vai nas reuniões onde ajuda muita gente

Considerando o conjunto das percepções dos entrevistados, todos focam na produção e são enfáticos em afirmar que seus produtos apresentados à feira, são de qualidade, saudáveis, geradores de qualidade vida para os consumidores urbanos. Lembram que nesta prática de comercialização, se os consumidores acessam a produtos saudáveis, os produtores além do estímulo a continuarem no meio rural trabalhando e produzindo, tem garantido a comercialização e uma renda. Portanto, os benefícios são mútuos para produtor e consumidor.

É um importante ato de economia solidária.

Dificuldades encontradas na agricultura familiar

Quando os feirantes responderam sobre as dificuldades encontradas na agricultura familiar, as respostas foram as seguintes:

Para Solidariedade:

Hoje em dia é muito difícil pra vender as coisas, por causa desse negócio de nota e mesmo a vigilância, hoje nem ovos não pode vender mais, queijo só se tiver o selo.

Igualdade acredita que:

Na verdade é o tempo que você não consegue controlar, uma hora é chuva, mais uma hora é chuva de menos, essas geadas doida né, até a couve queimou tudo. Então, na verdade, é o tempo que não tem como você controlar, que uma hora chove demais outra hora chove de menos, ou sol muito quente ou geada muito forte, essas são as maior dificuldade que a gente tem, as hortaliça queimam.

Preço Justo pondera que,

É por parte dos órgão públicos. Às vezes a gente fica a mercê, fica esquecido, mais temos os pessoal da feira, as pessoas que compram na feira é gratificante né, porque, eles elogiam mesmo e dão os parabéns a gente fica muito feliz.

Finalmente, Sustentabilidade resume,

Tem muitos na agricultura familiar, tem bastante pezinho pra gente lutar.

Diferentes percepções dos agricultores familiares sobre as dificuldades são analisadas. A questão da certificação dos produtos garante aos consumidores maior credibilidade e confiança na aquisição. Para os feirantes, torna-se um entrave às questões de nota fiscal, pois são agricultores que visualizaram uma forma de obter renda, vendendo seus produtos na feira. Muitos ainda não possuem CNPJ e certificação da vigilância sanitária para alguns produtos de origem animal, pela falta de legislação específica para certificação de produtos da economia solidária.

As dificuldades de produção, referentes às intempéries climáticas, são enfrentadas em todo o meio rural. Com os programas de incentivo rural, algumas dessas podem ser amenizadas, como a construção de casas de vegetação, sistemas de irrigação e anti-geada, entre outros. Contudo, poucos têm acesso às políticas de agricultura familiar, seja por falta de informação ou conhecimento, ou por questões burocráticas de bancos, entidades e órgãos públicos. Convém recordar que uma das feiras da cidade, cuja duração foi de uma década, teve seu encerramento, primeiro pela pressão do comércio local, e segundo e fator mais importante, pela falta de adequação à legislação e vigilância sanitária. O Ministério Público, não obstante, ter tolerado por algum tempo, acabou pedindo seu fechamento. Atualmente, o Consórcio Intermunicipal Serra Catarinense – CISAMA, oferece serviço de formação e adequação às normas sanitárias e de inspeção aos agricultores da região. Estas dificuldades podem ser sanadas, mas com iniciativas dos feirantes e suas forças apoiadoras.

Ressalta-se que, a voz do último entrevistado permite uma digressão rápida para pensar que os feirantes se sentem “gratificados” em saber que seus consumidores estão satisfeitos com os produtos adquiridos. A exemplo do que ocorria nas economias praticadas pelas sociedades primitivas, o sentimento acima, faz refletir que os produtos trocados na feira também contêm um “ahu”, são veículos de “mana”, uma força mágica, como demonstra [Mauss \(2003, p. 197\)](#), pois são carregados de subjetividade, de sentimentos, sabe-se a origem dos produtos, ou seja, são gerados pelo trabalho daquele feirante, eles vêm de sua terra.

Então, há contentamento de ambos os lados da troca, e é quando emerge o sentido desta “outra economia”. Isto demonstra que a comercialização realizada na feira não se restringe ao ato mecânico ou mercadológico de compra e venda. Está muito longe da relação utilitarista que ocorre no mercado capitalista. Conforme reflete [Gaiger \(2016\)](#):

[...] foi Jeremy Bentham (1748-1832) o principal fundador do Utilitarismo e mentor dos seus primeiros desenvolvimentos [...] o Utilitarismo pode ser considerado como uma doutrina filosófica pioneira na Inglaterra, ao ter dado forma e continuidade a um corpo de princípios de grande influência nos tempos vindouros (GAIGER, 2016, p. 18)

É que esta doutrina transformar-se-ia na ideologia do indivíduo egoísta e consumidor, buscando sua felicidade na satisfação de seu próprio interesse, motor do modo de produção presidido pelos interesses do capital.

Percepção dos feirantes sobre a comercialização direta ao consumidor

Solidariedade acredita que:

É muito melhor vender assim direto né, porque a gente vende com um preço um pouquinho melhor e o pessoal também ganha por comprar. Sai mais em conta que os mercados. Nós preferimos vender só na sexta (durante a feira), a gente ganha um pouco mais mas o consumidor também ganha.

Preço Justo define que:

É prazerosa porque você sabe que você tá levando alimento, tá levando qualidade e é de fácil acessibilidade para todos. Em praça pública você facilita em que todas essas pessoas tenham essa compra e também fique acessível ao bolso de todos.

Igualdade finaliza afirmando:

Eu acho que é bom para ambas as partes porque daí a gente vende por um preço justo e o consumidor não paga mais o preço que o atravessador ia cobrar.

Neste contexto, mostrar-se a importância da comercialização direta para os consumidores e demonstram satisfação em oferecer produtos de qualidade. Segundo [Andrade et al. \(2002\)](#), os consumidores solidários e conscientes exigem atributos de qualidade nos produtos da feira de Economia Solidária, considerando impactos e respeito ao meio ambiente, que também são princípios da organização e gestão da feira. Os entrevistados ainda situam neste ponto a comercialização como fato eminente econômico ao apontar ganhos financeiros para ambos produtores e consumidores, embora insistam no comércio justo, o que é extremamente relevante. Isto permite pensar que existem lacunas de conhecimento acerca da economia solidária e da feira com esta identidade. Como refletido acima, o fato da compra e venda se reveste de inúmeros significados. Ali os produtos carregam histórias, projetos de vida, organização social, identidade, a territorialidade materializada na relação indissociável dos espaços urbano e rural, especificidades e complementaridades.

A feira e o desenvolvimento da agricultura familiar

Interrogados sobre a relação da feira com o desenvolvimento da agricultura familiar no município de Lages, obteve-se as seguintes percepções

Para Solidariedade:

Ajuda na cultura da gente, no sustento para se manter.

Preço Justo comenta que:

A feira é um dos pontos principais em termos de rentabilidade porque eu lucro. É o ponto de comercialização mais alto que nós temos na agricultura familiar.

Solidariedade relata:

Acho que tá bom. Poderíamos nos ajudar mais [...] precisamos ser um grupo.

Igualdade retrata:

Precisamos de mais divulgação, mais pessoas precisam saber que estamos aqui, oferecendo produtos de qualidade e direto para o consumidor.

Esta reflexão inicial contextualiza o lugar da agricultura familiar em Lages e região. Com raras exceções, é “sem lugar”, sem significado econômico e sem a atenção devida das políticas públicas. O próprio sindicato dos trabalhadores rurais, órgão representativo da categoria, não tem desenvolvido ações capazes de proporcionar organização social e política ao longo de sua história. Mas, os feirantes mostram a relevância da feira para o desenvolvimento da agricultura familiar, a começar pela valorização de sua “cultura”. Isto não deve ser subestimado. O agricultor familiar tem sua identidade e semanalmente entra em cena no espaço urbano de Lages. Ao terem visibilidade social, as pessoas podem vislumbrar o campo como espaço complementar à cidade, lugar de cultura, de direitos da cidadania. Olhar para o campo, não como espaço do atraso, do subdesenvolvimento, mas como lugar de vida, de trabalho, de produção de alimentos. Afinal, o projeto da agricultura familiar mostra que “o espaço rural (...) é lugar de vida integrado ao conjunto da sociedade e não como um mundo à parte” ([FÓRUM CATARINENSE DE EDUCAÇÃO NO CAMPO, 2010, p. 12](#)).

Os entrevistados também afirmam que a feira vem significando o lugar por excelência de comercialização de seus produtos. Numa história de isolamento, dificuldades de locomoção pelas distâncias e precariedade de acesso, ter a garantia de uma feira semanal, deve ser de uma importância extraordinária. É garantia de trabalho, renda e permanência no espaço rural.

Uma das entrevistadas reivindica maior solidariedade entre o grupo de feirantes. Ou seja, é uma questão da identidade da feira. Afinal, a feira se distingue de outras feiras da cidade por ser denominada de Feira Municipal de Economia Solidária. Sabe-se que existe uma distância entre o real e o ideal. As entidades apoiadoras, especialmente o Fórum Regional de Economia Solidária, acompanha as demandas ou lacunas de conhecimento, sendo quesito indispensável para o avanço da feira para seus integrantes, a agricultura familiar e a sociedade. Também, é reivindicado maior divulgação da feira, pois qualquer empreendimento demanda divulgação na sociedade urbana e de massa. Mas, dado que esta feira tem uma originalidade e uma identidade, será a médio e longo prazo que integrará a cultura local e regional.

Quem são os consumidores dos produtos na feira?

Solidariedade responde:

O povo que passa aqui né, o povo que vem pegar o ônibus.

Preço Justo por sua vez:

São pessoas de várias idades vários lugares, é o pessoal consciente mesmo que é que quer valorizar a agricultura familiar. O pessoal que vem do campo mesmo, então na verdade, a gente tem um público certo. Mas tipo assim todas as pessoas que tem aquela visão de um alimento saudável tão aqui.

Igualdade comenta que:

Vem de todas as partes né, tem uns que a gente já conhece até pelo nome que conversa mais, sempre tá vindo pessoas novas uns a gente percebe que vem uma vez e tá voltando.

A feira está localizada em espaço estratégico, ou seja, no Terminal Urbano onde o fluxo de pessoas, não obstante ter os momentos de pico, é relativamente regular. O transporte urbano de Lages é monopolizado por uma empresa a mais de 30 anos. Seus veículos passam por todos as ruas centrais dos 74 bairros da cidade. Portanto, a circulação de pessoas nesta praça é frequente. Esta realidade permite pensar que o público consumidor seria bastante diversificado. Os entrevistados afirmam que, embora isto seja real, dão ênfase para os consumidores conscientes, pois são um público diversificado na origem dos bairros, mas com um marcador, a consciência do que está adquirindo produtos saudáveis.

Convém lembrar que os entrevistados também se referem a um público consumidor que vem do campo. Pode-se interpretar esta constatação de dois modos: primeiro que muitos moradores de bairros são de primeira ou de segunda geração e tem origem no meio rural do município de Lages ou da região. Guardam características da cultura rural, pois apesar de habitarem na cidade, os valores, modos de vida, comportamento, linguagem, identificam o “modus de vida” rural. Segundo, os consumidores do campo que aparecem na feira, são pessoas que, costumeiramente, adquirem na cidade produtos como hortaliças, por não produzirem em suas propriedades. A horta caseira com diversificação de culturas não é marca da cultura de Lages e municípios circunvizinhos, como ocorre em outras regiões, sobretudo habitadas por grupos étnicos alemães ou italianos. Facilmente pode se encontrar caminhões carregados de frutas e verduras vindos do litoral catarinense circulando regularmente em municípios do Planalto Catarinense.

O que os consumidores dizem sobre a feira?

Para Solidariedade:

A feira era uma vez por mês, agora gostaram muito que é uma vez por semana. Naquele feriado que a gente não veio, já perguntaram porque que não vieram na sexta? Já estão acostumado. Toda semana né.

Na mesma linha, Sustentabilidade relata que:

Antigamente a gente vinha de quinze em quinze dias. Então, eles lutaram até trazer a nós toda sexta. Agora a gente tá toda sexta e a gente acha assim que

eles estão faceiro com nós. Isso a gente sente que eles estão faceiros com a gente.

Preço Justo retrata:

“Parabéns, muito linda, gostei, produtos de qualidade excelente é tudo que nós que estamos aqui precisamos”. Ouvir isso nos deixa mais motivados ainda em estar fazendo algo que está colaborando para uma sociedade, pra uma saúde também. Então é gratificante.

E por fim, Igualdade coloca que:

Quando era quinzenal o pessoal sempre pedia para ser toda semana. A gente via essa demanda tanto que a gente está fazendo toda semana.

Os depoimentos dos entrevistados demonstraram que a regularidade da feira, de quinzenal para semanal, foi acertado e isto agradou a todos, feirantes e consumidores. Outro aspecto a ser destacado é a fidelidade dos consumidores. As relações são interpessoais, alguns consumidores são conhecidos pelo nome. O termo “faceiro” é um desvio linguístico regional importante. É sinônimo de satisfação, de estado de felicidade, o que é revelado sobre o grau de satisfação dos consumidores. Enfim, a qualidade dos produtos exaltadas pelos consumidores, torna-se o ponto central da satisfação deste espaço de comercialização.

A comercialização tem evoluído em volume e venda?

No ponto de vista de Solidariedade:

[...] ela deu uma aumentada, porque causa que acostumando com o produto, tem gente que tem na casa da irmã ou de parente que compraram aqui e vem junto.

Sustentabilidade relata que:

A minha venda quando eu venho eu trago bastante quando chega meio dia já não tenho mais nada [...] eu acho que aumentou para todos aqui, porque todos eles estão contentes né, eu espero que, como eu to feliz e contente, espero que eles estejam também.

Para Preço Justo:

Ela desenvolveu bastante mesmo assim, cada semana que tá se passando, cada quinzena que tá se passando, a gente tá vendo um público novo e a procura por alimentos assim é bem grande. No caso é bem tipo aquele elogio a procura mesmo por qualidade.

Por fim Igualdade, reforça que a sazonalidade interfere diretamente no processo de comercialização:

Na verdade a gente vê que a gente precisa ver que tem época que não temos todas as partes de hortaliças e não tem como controlar.

O aumento do volume de venda é fato. Contudo, a percepção dos feirantes mostra que os mesmos não possuem estudo para quantificar a comercialização de sua produção, embora tenham noção do desenvolvimento, mas falta a estruturação ou embasamento para melhor assertividade, tanto de seu processo produtivo quanto dos produtos levados para a feira. [Agência de Desenvolvimento Solidário \(2002\)](#), elucida a importância da análise quantitativa, como questão estrutural no sentido de ampliação e consistência no processo mercantil. Afirma também que sem estes dados, não existe mensuração de custos e quantidade padrões.

Qual sua expectativa sobre o futuro da feira?

Solidariedade:

Que ela continue crescendo como elas está indo, prá nós produtor ela está indo bem.

Sustentabilidade comenta que:

Eu espero pro futuro que quando eu parar né, porque a idade já pega, os filhos continuem. Eu to com a filha ali comigo né, que ela continue, e espero que a feira continue e a gente tenha mais apoio. A gente precisa de mais apoio aqui. Não é só chegar aqui montar as barracas (o poder público) e sair resmungando que não tem obrigação de vir montar, eles tinham que fazer mais pela gente.

Preço justo relata que:

Mercado de portas abertas grande que só tem a crescer, devido ao sistema exploratório, comprando de quantidade do produtor rural e pagando míseros centavos pela produção... para a feira se a gente cultivar e aumentar a produção, que a venda é garantida.

Os agricultores feirantes são otimistas em relação ao futuro da feira. Estão satisfeitos com a comercialização e seus consumidores. Projetam um crescimento da feira no amanhã. Há quem pense até na questão sucessória, ou seja, dito com outras palavras, “que meus filhos continuem quando eu não puder mais estar aqui”. Comparam o empreendimento da feira com o mercado capitalista competitivo e excludente, observando que se continuarem apresentando seus produtos saudáveis tem comercialização garantida. Contudo, levantam uma questão importante para o avanço da feira: a participação do poder público. Referenda-se esta constatação que se constitui numa dívida histórica cobrada pelos feirantes, e deste fato há testemunhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste texto foi refletir sobre a agricultura familiar e sua relação com a Feira Municipal de Economia Solidária de Lages-SC, a partir das percepções dos agricultores familiares feirantes. Foram colocados em cena alguns tópicos que fazem a pesquisa inédita, tais como, qualidade dos produtos e relação com os consumidores; dificuldades encontradas na agricultura familiar; o significado da comercialização direta; a

feira e o desenvolvimento da agricultura familiar; vivências e percepções de consumidores, evolução da comercialização; expectativas sobre o futuro da feira.

Ao contextualizar historicamente a agricultura familiar no município de Lages e região, verificou-se seu baixo grau de importância para a economia local e a ausência de políticas públicas para este setor, aqui considerado um projeto em disputa com o agronegócio no meio rural brasileiro e regional. Além de demonstrar as características que identificam a agricultura familiar, descreveu-se a relevância deste “modo de vida”, evitando engavetá-lo numa visão economicista.

Apontando brevemente a emergência da economia solidária e do desenvolvimento da feira e da economia solidária, esta “outra economia” fundada nos princípios da autogestão e propriedade coletiva dos meios de produção, entre outros, tem sua origem na década de 1980. Nessa época, o Brasil vivia o declínio do regime militar e a aceleração do sistema neoliberal, com seus princípios de abertura da economia para o mercado externo, flexibilização das leis trabalhistas, privatizações em massa, salários achatados, desemprego estrutural, alta inflação, etc. Foram surgindo pelo país afora grupos de trabalhadores com finalidade de buscar trabalho e geração de renda. Em Santa Catarina e, concomitantemente, em Lages e região a economia solidária manifestava-se apoiada por setores progressistas de Igrejas, pastorais sociais e organizações não governamentais.

Com a realização da primeira Feira Estadual de Economia Solidária em Lages, em 2001, é que ganha força o movimento social da economia solidária, através da formação do Fórum Regional e da organização de feiras com edição anual. Entre as feiras que surgiram em Lages, uma se consolidou na Universidade do Planalto Catarinense. Foi numa conjuntura bastante favorável que em 2014 sob a iniciativa do Fórum Regional, a economia solidária conquista o *status* de política pública no município de Lages.

A partir de 2015, por força de lei, a organização da feira municipal de economia solidária foi de anual para mensal, e depois passou a ser semanalmente com presença de empreendimentos do meio urbano e rural. Além de proporcionar a comercialização de produtos da economia solidária, passou a ser um espaço de divulgação da economia solidária para a sociedade local. Na administração pública de 2012 a 2016, a Secretaria Municipal de Agricultura e Pesca esteve sob o comando de um agrônomo que notabilizou por sua política de apoio à agricultura familiar, incluindo a disseminação de feiras pela cidade. Os agricultores familiares mobilizados e organizados pela secretaria, passaram a comercializar seus produtos na feira municipal de economia solidária a partir de 2016. Atualmente participam empreendimentos da linha de costura, artesanato, panificação, alimentação, hortifrutigranjeiros e manifestações culturais.

Esta investigação é de natureza qualitativa, descritiva, bibliográfica, incluindo trabalho de campo com o auxílio de um questionário semiestruturado. As entrevistas foram realizadas com quatro feirantes, com questões distribuídas em três módulos. Podemos sintetizar no que:

Os agricultores familiares foram enfáticos ao afirmar que seus produtos são de qualidade e isto tem dado consistência à feira e gera benefícios para ambos, comerciantes e consumidores. As dificuldades estão na ordem da legislação, certificação e adequação de produtos que têm as mesmas exigências do mercado capitalista. É fundamental uma adequação obedecendo critérios da economia solidária, isto sem descaracterizar a qualidade e segurança alimentar, dizem. O ato de comercialização não se restringe à troca de um produto por dinheiro. Os produtos carregam significados diversos, como história, cultura, identidade, trabalho, concepção de campo e cidade como

espaços complementares e não opostos como se viu até recentemente, afirmam os entrevistados.

Já do ponto de vista dos consumidores, conforme a percepção dos informantes, eles são diversos, situados no centro e em bairros da cidade. Destaca-se que alguns consumidores vêm do meio rural, demonstrando um distintivo cultural, ou seja, a prática da horta doméstica ou o cultivo de árvores frutíferas nem sempre se faz presente no ambiente doméstico de Lages e região circunvizinha. Segundo os entrevistados, os consumidores estão “faceiros” com a feira, pela qualidade dos produtos que, concluem, são saudáveis. A evolução da feira, está na ordem do dia, sendo percebida positivamente, mas demanda organização e visão de futuro. Em relação a isto, os feirantes até se preocupam com a sucessão geracional, e, segundo eles, a qualidade dos produtos e organização garantirão a presença da feira, marcando a história da Praça do Terminal Urbano de Lages, antigo Mercado Público. Mas, convém ainda evidenciar uma reivindicação dos entrevistados: a ausência do poder público na política da economia solidária, conseqüentemente, no fortalecimento da feira. Não pode ficar na logística básica. Trata-se de uma dívida histórica, a ser resgatada e com urgência tendo em vista o desenvolvimento da economia solidária, da feira e da agricultura familiar no município de Lages e região do Planalto Catarinense.

SUBMETIDO EM: 21/06/2018.

ACEITO EM: 20/07/2021.

REFERÊNCIAS

[AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO SOLIDÁRIO](#). **A comercialização na economia solidária**. São Paulo: ADS, 2002.

[ANDRADE, A. M.; et al.](#) Mercado e Economia Solidária. In: ANDRADE, A. M.; et al. A comercialização na Economia Solidária. São Paulo, p. 16-34, 2002.

[ANDRADE, M. M. de.](#) **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

[DOXSEY, J. R.; DE RIZ, J.](#) Metodologia da pesquisa científica. ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2002-2003. Apostila. Disponível em: https://cafarufjr.files.wordpress.com/2009/05/metodologia_pesquisa_cientifica.pdf. Acesso em: 10 mar. 2018.

[FÓRUM CATARINENSE DE EDUCAÇÃO NO CAMPO](#), 2010, Florianópolis. **Bases para a construção das Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo de Santa Catarina**. Florianópolis: Instituto Educampo, 2010.

[GAIGER, L. I. G.](#) **A descoberta dos vínculos sociais**: os fundamentos da solidariedade. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

[GIL, A. C.](#) **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

[IBGE](https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420930&search=||infogr%E1fic%20s:-informa%E7%F5es-completas). **Cidades, Santa Catarina, Lages**. [S. l.]: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420930&search=||infogr%E1fic%20s:-informa%E7%F5es-completas>. Acesso em: 10 mar. 2018.

[IPEA](http://www.ipeadata.gov.br). **Dados regionais**. Brasília: IPEA, 2014. Disponível em: www.ipeadata.gov.br. Acesso em: 11 mar. 2018.

[LOCKS, G. A.; COSTA, H. B.; PEREIRA, J. A.](#) A economia solidária no Planalto Catarinense: origem e desenvolvimento rumo a sua política pública. *In*: FRANTZ, W.; GERHARDT, M. C.; AMARAL, A. G. do. **Ações e experiências educativas no campo da educação popular**. Ijuí: Editora Unijuí, 2017.

[LOCKS, G. A. et al.](#) **Caminho das Tropas: caminhos, pousos e passos em Santa Catarina**. Lages: Uniplac, 2006.

[MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.](#) **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

[MAUSS, M.](#) **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naifty, 2003.

[SANTA CATARINA](#). **Programa Crescendo Juntos: Programa de Desenvolvimento e Redução das Desigualdades Regionais**. Florianópolis, 2016. Disponível em: <http://www.spg.sc.gov.br/visualizar-biblioteca/acoes/palestra-desenvolvimento-regional1/711-perfil-socioeconomico-adr-lages/file>. Acesso em: 10 mar. 2018.

[SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M.](#) **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <http://www.portaldeconhecimentos.org.br/index.php/por/content/view/full/10232>. Acesso em: 15 mar. 2018.

[SOUZA, I. S. F. de \(ed. téc.\)](#). **Agricultura familiar na dinâmica da pesquisa agropecuária**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006.

[VERGARA, S. C.](#) **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.